

ATA DA TERCEIRA REUNIÃO PLENÁRIA EXTRAORDINÁRIA DE 2011 REALIZADA EM 20/05/2011

A reunião foi iniciada às 18hs, na sala 09. Por tratar-se de reunião extraordinária, não houve expediente. Entramos diretamente no único ponto de pauta, ou seja, a discussão sobre problemas cotidianos do DG. Passo a palavra o chefe do Departamento, prof. André Martin para que faça sua exposição, conforme acordado em reunião plenária anterior. André faz um panorama geral da comunidade que faz parte do Departamento, ressaltando tratar-se de quase 2000 pessoas, entre alunos de graduação (cerca de 1200) e de pós-graduação (cerca de 600), além de funcionários e professores. Relata haverem 338 alunos pendentes em relação ao TGI. Informa que o número de candidatos por vaga no vestibular para Geografia caiu nos últimos anos. Informa, também, que têm se formado em torno de 100 alunos/ano e ressalta que a FFLCH é que tem, de certa forma, cumprido a função social da USP, sobretudo pelo elevado número de alunos que abriga. Letícia fala de uma Plenária ocorrida em 2010 na História a qual apresentou dados de 2009; lê um fragmento de documento produzido pela Comissão de Avaliação que avaliou a FFLCH naquele período. Diz que no segundo semestre de 2010 há 1144 alunos na graduação em Geografia e que isso implica numa relação de 22,88 alunos por professor. Somados os alunos da pós-graduação, chega-se a 36,43 aluno/professor, acima, portanto, da relação sugerida pela referida Comissão, que é de 20 alunos/professor. Letícia diz que o relatório cobra transparência; “a gente não tem nenhum estudo orçamentário” afirma. Segue dizendo que a FFLCH tem 11,6% dos livros da USP e que a FEA tem pouco mais de 2%, mas que a FEA fica com mais de 20% dos recursos relativos à manutenção da biblioteca enquanto a FFLCH fica com cerca de 10%. Profa. Glória explica que por causa deste relatório foi montada uma Comissão para avaliar a situação da FFLCH, que tem muitos alunos, mas tem também muita evasão. Glória pergunta: quais os motivos da evasão? Isso está sendo analisado, continua. A FFLCH quer descobrir porque há tanta evasão no primeiro ano (o que se passa, em verdade, em todas as unidades). Na FFLCH, este número é igual a 20% e na Medicina é 1%. Letícia retoma a palavra e diz que temos uma situação muito grave, que precisamos discutir os dados. Diz que gostaria que fossem formadas comissões a partir da Plenária para estudar essas questões e que o nosso site disponibilizasse dados tal como faz a História sobre número de alunos por sala, por exemplo; ressalta a necessidade de dados para fundamentar nossas reivindicações. Prof. Manoel fala sobre a criação de várias IES públicas no Brasil além das IES privadas, apoiadas pelo PROUNI, o que, em certa medida, contribui para explicar a menor concorrência por uma vaga na Geografia nos últimos anos. Diz que os números tendem a mentir sempre porque sempre escondem coisas. Manoel diz que disciplinas não oferecidas têm a ver, p. ex., com uma mudança geracional no DG e pergunta se é preciso o Departamento contratar novos professores. Diz que há muitas disciplinas optativas não oferecidas as quais provavelmente não serão oferecidas jamais. Diz que é preciso ter cuidado com os números embora eles nos dêem parâmetros e afirma ser necessário atentar para a precarização do trabalho dos docentes, que hoje fazem muito do trabalho administrativo e burocrático. Segundo o professor “precisamos ter clareza de que a coisa é muito mais complexa”. Profa. Léa diz que o Vestibular é uma excrescência, um absurdo., que todas as pessoas que concluem o ensino médio podem teoricamente fazer universidade. Lembra que o PPP contém dados, objetivos, metas e etc. Diz que concorda com uma proposta que foi

ATA DA TERCEIRA REUNIÃO PLENARIA EXTRAORDINARIA DE 2011
REALIZADA EM 20/05/2011

colocada de que sejam montadas comissões e diz que outras questões dizem respeito ao CO. Diz que a questão do orçamento depende de como o poder está distribuído na universidade e que sente falta de alunos na Congregação. Letícia diz que todo mundo sabe que números são manipuláveis, mas que a oferta de disciplinas depende do corpo docente e que o currículo não pode depender de corporativismo. João Vitor começa falando uma frase do Prof. Ariovaldo (“as estatísticas são uma forma de a gente apertar os números até que eles digam o que a gente quer dizer”). Diz achar que o debate estatístico é pertinente mas que precisamos, também, ampliar esse debate. Na EACH, diz João, houve uma Comissão externa semelhante a qual propôs, p. ex., o fechamento do curso de Obstetrícia. O CA está impulsionando uma discussão sobre nossos problemas (salas lotadas e trabalhos de campo etc). um trabalho que o CA fez concluiu que precisamos de mais 28 docentes na época e que ficaríamos com 66 professores. João sugere duas comissões. Pergunta sobre quantas turmas têm mais de 60 alunos/sala, sendo este número considerado pertinente pela universidade. Pergunta, também sobre o montante de recursos repassado ao DG para realização de trabalhos de campo. Letícia diz que apresentou um estudo ano passado sobre questões dessa natureza. Diz que a maior contratação de professores permitiria uma maior divisão do trabalho, o que pode ser uma forma de aliviar o trabalho dos atuais professores. Eu, profa. Rita, faço esclarecimentos sobre a reunião de docentes que passou na semana anterior. Prof. André esclarece que conversou com a chefe do Departamento de História, a qual apóia a construção de um prédio didático. Léa diz que quando falamos de disciplinas oferecidas e não oferecidas evidencia-se que não se trata de um currículo fechado. Diz que a relação entre o que dever ser obrigatória ou optativa é uma questão de princípio e tem de ser pensada. Isso tem a ver também, diz Léa, com discussões internas e que nós não tivemos mudança de currículo. Márcio acha interessante não ter um currículo fechado e diz ser importante levar em consideração os anseios dos alunos. Letícia diz não saber se tem condições de opinar sobre isso, mas acha que é importante ter um corpo de disciplinas obrigatórias e que as optativas deveriam ser oferecidas com regularidade. Aline diz que está lendo o Plano de Metas e que encontrou 14 optativas não oferecidas, além de 4 oferecidas de forma irregular. Diz também que as optativas regionais têm intervalos muito grandes, que há uma disciplina chamada “Teoria Geográfica do Espaço” que ela nunca viu e que 3 disciplinas de estágio supervisionada não têm sido oferecidas. Bruno diz que quer chamar a atenção para o número de alunos que não completaram TGI ainda e que diante dessa constatação fica difícil discutir outras coisas como lotação de salas etc. Diz que ficamos sem saber quantos alunos podem matricular-se numa disciplina e que antes de tudo deveríamos pensar em soluções para esses problemas. Lídia diz que deveríamos partir do documento apresentado pela Letícia e pergunta: “se agente não consegue se matricular na disciplina que a gente quer fazer, qual a verdadeira missão dessa Faculdade? Diz que toda hora surgem disciplinas novas que parecem ser mais uma demanda dos professores que dos alunos. O professor cria uma disciplina porque ele quer, depois ele morre e a disciplina fica sem professor. Isso faria parte da discussão sobre qual geógrafo se quer formar, mas também sobre quais disciplinas a gente quer ter. Deseja-se que o aluno de Geografia transite pelo interior da FFLCH, por outros departamentos, para além de nosso currículo ou o que a gente quer? Em

ATA DA TERCEIRA REUNIÃO PLENARIA EXTRAORDINARIA DE 2011
REALIZADA EM 20/05/2011

função do avançado da hora, dou por encerrada a reunião, agendando-se nova Plenária Extraordinária para o dia 30 de maio.